

MÚSICA

DEALEMA

Respeito

> MARCOS CRUZ

Foi o crédito acumulado pelo quinteto portuense ao longo de sete anos. Agora, com o primeiro disco Dealema» (edição NorteSul), o mais natural é que se lhe junte a admiração. O hip hop português agradece

Saber esperar é uma virtude, e «Dealema» mostra isso mesmo. Mundo, Fuse, Maze, Expiação e DJ Guze, os cinco dedos de uma mão que se abre agora ao conhecimento geral, não quiseram agir motivados pelo medo, tendo resistido a algumas pressões nesse sentido, nomeadamente dos muitos adeptos que foram granjeando com base em excelentes prestações ao vivo. Sete anos depois do início, aí está o disco. E a entrevista, dada em grupo mas publicada a uma só voz.

+ Sete anos correspondem a um padrão de exigência?

Sim, foi mesmo por causa disso. Se calhar, essa exigência da nossa parte fez com que fosse preciso este tempo todo para conseguirmos estar satisfeitos e, como somos um bocado desorganizados, temos também a disciplina que nos permitisse juntar-nos para trabalhar no disco.

+ São assim tão desorganizados? É que, musicalmente, isso não transparece.

Somos desorganizados a nível de horários e burocracias. De resto, a fazer música, há uma sintonia. Somos é muito críticos de nós próprios e não aceitamos qualquer coisa. Exigimos sempre mais do que aquilo que estamos a dar.

+ E isso não torna mais difícil a organização? Cada um de vocês tem uma identidade bem demarcada, mas há em todos uma mentalidade de grupo. Devem discutir bastante...

Claro, mas isso é que é uma coisa de banda. Todos temos ideias diferentes, até mesmo ideais. Ou, mesmo não os tendo, divergimos nas abordagens. O que acontece é que às vezes nos deixamos influenciar uns pelos outros. A nossa virtude está no aceitar dessas diferenças.

+ Mas algumas delas revelam-se em pontos fundamentais. Estou-me a lembrar, por exemplo, de que no último álbum do Fuse há um tema contra a igreja. E aqui, dois de vocês agradecem a Deus.

Uma coisa não tem, necessariamente, a ver com a outra. A religião organizada é uma instituição, a maior parte das vezes com fins monetários. Acaba por ser como qualquer empresa, só que esta gera lucros do divino. E Deus é diferente para cada ser humano. Por isso, quando as pessoas falam de religião têm de ter coerência. Cada um pode fazer a sua religião. E esse Deus a quem agradecemos é uma força superior que não tem nada a ver com a igreja.

+ O hip hop pode ser uma religião?

Por exemplo, se o tomares como tal. As pessoas prestam-lhe culto, por isso...

+ A propósito: Deus descansou ao sétimo dia, vocês fizeram o disco ao sétimo ano. Há algum significado bíblico nisto tudo?

(gargalhada geral) Ainda não nos tí-



nhamos lembrado disso. Não, acho que é só uma coincidência...

+ Em Portugal, o hip hop passou rapidamente de uma situação de minúscula para outra de incontinência. O que é que acham desta profusão de discos editados?

É a competição, mas eu acho que nós estamos um bocadinho à parte disso. Queremos elevar a qualidade da música. Já se fazem muitos filmes à volta disto e ainda nem sequer há qualidade. Mesmo nós próprios, cada vez queremos mais. Estamos a tentar subir a fasquia. De qualquer forma, também é bom saírem discos, porque isso causa a diferença. Aqui há dias, perguntaram-me na rua porque é que não tínhamos lançado o disco antes. Se calhar, agora que o fizemos podem dizer que temos um estilo diferente. Se ele tivesse saído há três anos, quando só havia os Mind Da Gap no grande mercado, toda a gente ia cometer o erro de nos comparar a eles. Agora, porque há mais gente, mais diferença, podemos afirmar-nos de outra maneira.

+ E o reverso da medalha, a banalização do hip hop português?

Se a maior parte for má, claro que se corre esse risco. Por isso é que agora há uma grande necessidade de profissionalizar as coisas e de haver mais progresso. Porque também ainda existe aquele conceito do hip hop pré-fabricado, de que é superfácil fazer hip hop. Ainda há muita gente a pensar assim. E eu acho que nós, com este disco, demos um passo em frente, mesmo nisso. Acho que há uma necessidade enorme de começar a fazer as coisas a sério, para o hip hop em Portugal deixar de ser tão miúdo.

+ Internacionalmente, o género tem-se deixado contaminar bastante, nos últimos tempos. Por um lado, é o apelo (também comercial) do r'n'b, por outro são as experiências neo-hippies de nomes firmes como Common ou The Roots... Entretanto, os Gangstar vieram pôr os pontos nos is. Pode a este vosso disco ser atribuído um papel idêntico, no âmbito dos sinais de desnoite que o hip hop português começa a apresentar?

O nosso objectivo não é esse. Este álbum representa tudo o que temos sido ao longo destes anos todos. É tão simples quanto isso. Sempre fomos assim, não queremos afectar nada nem ninguém em especial, apenas afirmar a cem por cento um hip hop puro, a nossa essência.

+ Uma das ideias interessantes que retive das letras foi a de que «agimos motivados pelo medo». Fazer um disco pode ser motivado pelo medo?

Claro. Tudo na vida pode ser motivado pelo medo. Tens duas hipóteses: ou é pelo medo ou pela fé.

+ E no vosso caso?

É sempre motivado pela fé. Eu acho que tudo o que tu fazes motivado pelo medo traz consequências desastrosas, e nós nunca vamos fazer uma música a pensar: «Será que eles vão gostar?». Fazemo-la porque estamos a senti-la e acreditamos que vai soar bem. Nunca sabemos a reacção das pessoas, só depois é que temos o feedback.

+ Como é que vocês lidam com o medo?

Eu acho que, para toda a gente, só há uma hipótese de lidar com o medo, se o quiser ultrapassar, que é enfrentá-lo. Para ir pelo lado musical, senão tínhamos aqui uma conversa muito filosófica, acho que to-

dos nós tentamos falar de tudo o que temos a dizer, sem estar a esconder algum sentimento que esteja cá recôndito, como o medo disto ou daquilo.

+ O autoelogio é uma terapia contra o medo?

No nosso caso, e acho que posso falar pelos cinco, não.

+ O que é que vos move a fazer hip hop hoje em dia, ao fim de sete anos?

O amor, a amizade, o gostarmos da música. Somos amigos há muitos anos, sempre fizemos isto juntos, acho que é isso o que nos move. Durante estes sete anos não tivemos apoio de ninguém, quer em termos logísticos, quer de media, de concertos, seja do que for, e apesar disso estamos aqui e vamos continuar. O hip hop é o que nos motiva.

+ No início, o que é que vocês ouviam? Public Enemy, A Tribe Called Quest, Gangstar, Rakim, Blackmoon, muita coisa.

+ Ou seja, cresceram num caldo de cultura americano. Na altura, não havia outra hipótese. Hoje, já com um panorama diferente, têm a intenção de apostar o género, para lá das letras?

Acho que o hip hop é irés às tuas raízes. Nós tentamos ir às nossas e fazer um hip hop português. Não nos identificamos minimamente com os americanos em geral, só com alguns grupos e dois ou três MCs, tirando aqueles antigos, mas é muito pouco o que dali extraímos.

+ No processo de reconhecimento do hip hop português, qual é a vossa análise ao trabalho das editoras independentes?

Há editoras independentes que estão a ter um bom desempenho. Lá fora, e eu sempre disse isto, as editoras inde-

«O hip hop é irés às tuas raízes. Nós tentamos ir às nossas e fazer um hip hop português. Não nos identificamos minimamente com os americanos em geral, só com alguns grupos e dois ou três MCs, tirando aqueles mais antigos, mas é muito pouco o que dali extraímos.»

pendentes servem de rampa de lançamento para um músico, mas, quer queiram quer não, mais cedo ou mais tarde, um músico que está numa editora independente vai sentir necessidade de expandir o seu trabalho e crescer, e certamente essa editora irá perder todo o investimento que fez

O DISCO



DEALEMA
•Dealema-
NorteSul

Ao sétimo ano, os Dealema descansaram... os seus fiéis. Afinal, era tudo uma questão de tempo. E de qualidade. Na hora de dizer presente, o colectivo nortenho soube estar à altura das expectativas, editando um álbum que é, quase de fio a pavio, um repositório de virtudes - entre instrumentais variados, cheios de balanço, onde a experimentação e o gosto pelo pormenor não são obstáculo à fluidez do tecido sonoro como a potenciam, e vinte mil rimas que não mereciam continuar submarinas por mais tempo, dada a pertinência dos conteúdos, a eloquência das formas e o talento e a versatilidade de quem as cria e transmite. É uma brigada de alerta com sotaque nortenho, sem papas na língua e disposta a levar a bandeira do sonho e do amor até onde for preciso. Claro que nem tudo é perfeito - as vocalizações melódicas, por exemplo, soam menos conseguidas -, mas para isso é que há futuro. E os Dealema têm-no. Há dúvidas? **M.C.**

afecta o potencial revolucionário?

Eu acho que a revolução do hip hop, do underground e dessas coisas todas não passa na televisão e nunca nenhum tipo de media a vai ver, porque o hip hop underground é feito na rua todos os dias e ninguém está lá para constatar esse facto. A revolução foi algo que aconteceu sem a presença dos media. A nossa revolução, não vou falar por mais ninguém, foi feita a partir de olhares à tua volta e veres uma população a discriminar-te pelo teu estilo de vida, por as tuas tendências serem diferentes, pelas tuas divergências ideológicas. Aos poucos, algumas dessas pessoas foram-se convertendo à tua revolução, à tua mudança, o que fez o nosso ambiente mudar. Isso é que é a revolução. Esse é que é o verdadeiro sentido de revolução, porque muita gente fala dela, principalmente no hip hop, e não sabe o que ela é. Ou andam a ler muitos livros de Marx e ainda não perceberam muito bem, ou então nem o Marx percebeu muito bem e, às tantas, nem sequer eu percebi ainda muito bem, mas talvez a questão seja mesmo não perceber, porque há coisas que não são para compreender. Nós, basicamente, alterámos o nosso meio ambiente a nosso favor, com a perseverança de fazermos sempre aquilo de que gostamos. Não nos vergámos, podíamos ter esquecido isto tudo, porque na altura ou éramos uns drogados, ou éramos uns fora-da-lei, ou a música não era convencional e não dava para dançar. O que interessa é que continuámos e fizemos a revolução, que foi termos o que nós temos hoje em dia: a atenção das pessoas. Como dizemos numa música, fazemos a revolução viva.

+ E essa revolução não vai passar na televisão?

A música vai passar, mas a revolução não. A revolução vai-se passar na cabeça de cada um, depois de isso tudo acontecer. É uma revolução interior.

+ Eu pergunto isto porque, hoje em dia, e essa é uma arma perversa do sistema

para se autopromover como livre e democrático, há por aí movimentos que se julgam revolucionários mas que não têm substância, são meramente estéticos - e, mesmo a esse nível, pouco trazem de novo. O hip hop não se sujeita também a isso?

Sem dúvida. Tudo se pode sujeitar a isso. Hoje, por exemplo, vês aí muito aquilo a que se chama neo-punks. Eu sempre conheci punks e não são os punks que aparecem agora, que gastam balúrdios para ir ao cabeleireiro fazer a crista e comprar roupas caríssimas, já rasgadas. Isto é tudo, basicamente, uma questão de imagem, é tudo superficial, mas, tal como o hip hop, nasceu de uma essência, do essencial, do substancial. O que acontece é que se torna mediático um movimento, um estilo, e a partir daí começa a vender essa imagem. Claro que vai haver sempre aquelas pessoas que querem ter o carisma sem a substância, mas nós preferimos a substância porque ela é que é o nosso carisma.

+ Como é que vos parece que Portugal lida com estes fenómenos?

A moda acaba por passar e, como não houve os alícerces, ficam poucas pessoas para manter a coisa viva.

+ Não temem pelo futuro do hip hop português?

Nós já estávamos à espera disto há muitos anos. A gente sabia que, a qualquer momento, porque o hip hop não é um estilo de música qualquer, podia acontecer isto, esta quantidade de discos a sair e todo o aproveitamento à volta. Mas também há aqui um lado bom. Hoje em dia, qualquer pessoa que vende discos tem de ter burocracias e não consegue viver à margem do sistema. Se trabalhas, trabalhas para um sistema, se descontas, descontas para um sistema. Quase ninguém pode escapar a essa realidade. Podes revolucionar as mentalidades, mas mudar tudo é impossível. Se te mudares a ti, já é um grande passo. E eu acho que cada pessoa mudar-se a si é muito mais fácil do que estar a dizer: «Isto está mal, aquilo está mal». Se aquilo está mal, eu mudo a minha parte. Se cada um mudar a sua...

+ O vosso percurso criativo assenta muito nesse trabalho interior?

Sim, em saíres de dentro do teu corpo e olhares para ti. Ver as coisas do lado de dentro e de fora. Ter as duas perspectivas, que uma só nunca é a melhor. É a tal coisa do dilema.

+ Dealema tem a ver com isso?
Pode ter. Para nós tem muitos significados, mas, acima de tudo, viver é um dilema. Tens de assumir uma posição, nunca podes tomar partido entre duas coisas sem perder numa.

+ Por exemplo, esperar sete anos para editar um álbum fez com que muita gente que apareceu depois de vocês e foi influenciada pelo vosso trabalho tivesse editado primeiro. O próprio Sam the Kid, que produz dois instrumentais neste disco...

Sim, mas nunca nos preocupou muito isso, nós não estamos à espera desse reconhecimento. Sabemos o que fizemos pelo hip hop, quem é que nós influenciámos, quem é que nós convidámos, quem é que nós apoiámos, e não precisamos de que nos venham dar créditos porque nós sabemos, e eles, mais do que ninguém, sabem o que é que nós fizemos por isto tudo. O único crédito que queremos, e temos, é o respeito.

